



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

[www.assis.unesp.br/miscelanea](http://www.assis.unesp.br/miscelanea)

*Miscelânea*, Assis, vol.7, jan./jun.2010



### A INTERTEXTUALIDADE EM “MISS DOLLAR”, DE MACHADO DE ASSIS

Vizette Priscila Seidel  
(Graduada — UNESP/Assis)  
Daniela Mantarro Callipo  
(Doutora — UNESP/Assis)

#### RESUMO

Este artigo pretende realizar uma análise do conto “Miss Dollar” de Machado de Assis, tomando-se como base teórica a intertextualidade, pois como veremos, o conto está repleto de diálogos com outros textos, mas aqui tentaremos explicar as marcas francesas no conto e os processos de absorção e transformação criativa das fontes.

#### PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; intertextualidade; presença francesa; conto.

#### RESUMÉ

Cet article a le but de réaliser une analyse du conte «Miss Dollar», de Machado de Assis, en prenant comme base théorique l’intertextualité, car on verra, le conte est plein de dialogues avec d’autres textes, mais ici nous essayerons d’expliquer les marques françaises dans ce texte et les processus d’absorption et de transformation créative des sources.

#### MOTS-CLÉ

Machado de Assis; intertextualité; présence française; conte.

**M**achado de Assis publicou vários de seus contos no *Jornal das Famílias*, dentre eles, destacamos “Miss Dollar”, objeto desta análise. Neste artigo pretendemos mostrar que as marcas francesas presentes nesse texto machadiano revelam não somente o patrimônio cultural do escritor, mas também a forte irradiação da cultura da França na sociedade fluminense.

Estudamos as presenças francesas explícitas, baseando-nos teoricamente na literatura comparada, a fim de tentar compreender de que maneira o autor brasileiro utilizou o elemento francês em seus textos. Para tanto, comparamos o conto e o texto francês, ressaltando suas semelhanças e diferenças; ou seja, “confrontando as duas literaturas”, para usar uma expressão de Tânia Franco Carvalhal (CARVALHAL, 1986, p. 5).

Passaremos, desta forma, à análise da presença francesa no primeiro conto da coletânea de 1870, “Miss Dollar” a fim de tentar apresentar hipóteses para a compreensão desse fenômeno.

Segundo Alfredo Bosi, o comportamento humano é o principal objeto de Machado de Assis. E esse objeto é descrito por meio dos pensamentos, da percepção de palavras, de obras de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro do Segundo Império. Bosi discorda de Gledson e Schwarz, críticos que fazem uma abordagem sociológica da obra machadiana, e para quem a referência local é quase tudo. O autor de *O enigma do olhar* ensina que para este “quase tudo”, há a universalização que faz Machado se tornar inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca, que representa as situações do restrito Oitocentos fluminense burguês. Se a obra do escritor brasileiro estivesse exclusivamente ligada ao contexto histórico, não despertaria o interesse dos leitores na temível passagem dos séculos, passagem esta que deixa para trás tantos nomes da literatura. Machado é lido com tanto interesse ainda hoje, justamente porque teria tratado de temas comuns a todos os seres, de todas as épocas.

Nota-se isso no livro analisado, *Contos fluminenses*, no qual o autor mostra toda a sua cultura universal e, principalmente, a da Pátria de Voltaire.

Pois, a França, no século XIX, era uma grande irradiadora de cultura, e um dos maiores escritores brasileiros não poderia fugir dessa irradiação.

O conto se passa na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. A heroína é uma cadelinha galga, desse modo, há a desmistificação da heroína, com intuito de também desmistificar o Romantismo. Nesse conto, o narrador se compraz na mimese de certos tipos representativos da sociedade brasileira do Segundo Império, os fluminenses burgueses. O narrador é onisciente, ou seja, em terceira pessoa e sabe tudo o que acontece com todas as personagens e conhece até o pensamento delas.

A história começa logo após o Dr. Mendonça ter lido um anúncio no jornal sobre o desaparecimento de uma cadelinha, Miss Dollar e, como ele tinha-a encontrado na noite anterior, resolve entregá-la para a dona, mas não por causa da recompensa, pois ele não precisava de dinheiro.

Mendonça era um:

homem de seus trinta e quatro anos, bem apessoado, maneiras francas e distintas. Tinha-se formado em medicina e tratou algum tempo de doentes; a clínica estava já adiantada quando sobreveio uma epidemia na capital; o Dr. Mendonça inventou um elixir, que o autor ganhou um bom par de contos de réis. Agora exercia a medicina como amador (ASSIS, 1962, p. 11).

O médico resolveu devolvê-la, porque gostava de cães, colecionava-os e sabia o sofrimento que era perder um animal. Foi até o endereço que havia no anúncio e conheceu a dona da cadelinha, Margarida:

Era uma moça que representava 28 anos, em pleno desenvolvimento da sua beleza, uma dessas mulheres que anunciam velhice tardia e imponente. O vestido de seda escura dava singular realce à cor imensamente branca da sua pele. [...] Os cabelos castanhos ondedos [...]. A brancura extrema da pele não tinha o menor tom cor-de-rosa que lhe fizesse harmonia e contraste. A boca era pequena e tinha certa expressão imperiosa. Mas a grande distinção daquele rosto, aquilo que mais prendia os olhos, eram os olhos; imaginem duas esmeraldas nadando em leite (Idem, p. 15).

A moça agradou-o logo de início. Conheceu também a tia de Margarida, D. Antônia, que era viúva, tinha um filho e morava com a sobrinha. Mendonça

ficou receoso por causa dos olhos verdes da dona de Miss Dollar e comentou o fato com um amigo.

Então, Mendonça começou a frequentar a casa de Margarida e da tia dela, tornando-se logo amigo das duas mulheres. Conversando novamente com um amigo, Mendonça diz estar apaixonado por Margarida, mas este o alerta, pois Margarida já rejeitara cinco casamentos após a viuvez; mesmo assim, Mendonça insistiu. D. Antônia descobre, após algum tempo, que Margarida está apaixonada por Mendonça, mas não quer se entregar, porque sofreu em seu casamento, já que seu marido estava apenas interessado em seu dinheiro e ela não queria passar por tudo novamente, pois tinha sido muito infeliz. Entretanto, Mendonça não tinha esse interesse e com a ajuda de D. Antônia, mesmo já tendo sido rejeitado por Margarida, casa-se com ela. Como ele sempre a tratou com respeito, ela muda seus conceitos sobre ele e o casamento se efetiva. Miss Dollar, causa indireta de toda história, morreu atropelada por um carro e foi enterrada na chácara.

Para Alfredo Bosi (1999), o narrador dos *Contos fluminenses* reparte as “almas em cínicas e puras”. No caso de “Miss Dollar”, o objetivo é “cancelar qualquer suspeita de interesse na conduta do futuro beneficiário” (p. 77). Desse modo, Mendonça casa-se com Margarida, mas “recusa-se à vida conjugal enquanto pairarem dúvidas sobre o seu desinteresse”. Ele seria o retrato, portanto, da “alma pura” a que se refere Bosi: um bom médico, protetor dos animais e ainda excelente marido para Margarida.

Agripino Grieco, em seu *Machado de Assis* (1960), sugere haver muitas marcas francesas no conto. Para o crítico, a coleirinha de Miss Dollar, com uma inscrição em francês, “talvez seja lembrança da coleira da cadela de Beaumarchais”; Margarida, “a principal figura humana do conto, possui um diário à maneira das heroínas de Feuillet” (p. 28). Nesta análise, porém, vamos nos ater às marcas inequívocas da presença francesa no conto.

O narrador, ao descrever Miss Dollar, explica que se trata de uma cadelinha desaparecida, cuja dona, aflita, coloca um anúncio no jornal e oferece uma gratificação a quem encontrá-la. Para identificá-la, é preciso observar sua

coleirinha, na qual está escrito “De tout mon coeur” (p. 10). No século XIX, toda mulher bem educada sabia a língua francesa, esse deve ser o motivo pelo qual Margarida escreveu em francês na coleirinha de Miss Dollar, já que a dona da cadelinha era uma mulher rica e típica do século XIX: “amava a mãe, tinha um capricho por Miss Dollar, gostava de boa música, e lia romances” (p. 29)

Outro momento importante, em que o leitor se depara com marcas francesas, é quando o narrador faz alusão à lenda do “Asno Buridan”: “Por isso abalou profundamente o ânimo do médico. Não ficou este como o asno de Buridan entre a selha d’água e a quarta de cevada; o asno hesitaria, Mendonça não hesitou” (Idem, p. 19).

Segundo a lenda — atribuída a um doutor da corrente escolástica francesa do século XVI, João Buridan, que fez esta hipótese — havia um asno atormentado com igual intensidade pela fome e pela sede, que se encontrava a igual distância de um balde de água e de ração de feno. Por onde começaria para satisfazer suas necessidades igualmente urgentes? Pensamos que o narrador faz alusão à lenda para explicar como Mendonça se sentia em relação a Margarida e ao que estava acontecendo, mas ele não hesitou, fez o que lhe pareceu mais provável, diferentemente do asno.

O narrador faz alusão também ao escritor Lamartine para descrever Miss Dollar e dar ao leitor a impressão de que se trata de uma jovem, talvez inglesa, pálida e delgada:

A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do *roast-beef* britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. Uma tal Miss Dollar deve ter o poeta Tennyson de cor e ler Lamartine no original; se souber o português deve deliciar-se com a leitura dos sonetos de Camões ou os *Cantos* de Gonçalves Dias (p. 7).

Alphonse Marie Louis de Lamartine (1790 — 1869), poeta, romancista e político; juntamente com Victor Hugo, foi um dos mais importantes poetas românticos da França. Segundo Bosi (1999) Lamartine, ao lado de outros poetas, escolheu o poema sem cortes fixos, que termina quando cessa a

inspiração, substituindo assim os moldes clássicos. E incluiu o romance egótico-passional com formas acessíveis ao novo público leitor, que era principalmente formado por jovens e mulheres, característica esta que combina com o periódico, no qual foi publicado, inicialmente, o conto. Ao escrever *Memorial de Aires*, quarenta anos mais tarde, Machado de Assis faria novamente alusão a Lamartine, mas, desta vez, segundo Gilberto P. Passos (2000), o poeta seria lembrado como “o herói da geração acadêmica de 1848, por sua decisiva participação na crise que se instaurou após a derrubada de Louis-Philippe e pelo fato de unir a poesia à vida pública” (p. 78). Em “Miss Dollar”, o narrador alude a Tennyson, Lamartine e Gonçalves Dias, poetas românticos, cujas leituras indicariam o perfil da inglesinha “vaporosa e ideal”. A inovação de Machado de Assis se dá ao ludibriar o leitor: após ter sugerido tratar-se de uma moça cuja fala “deve ser um murmúrio de harpa eólia”, afirma: “Miss Dollar é uma cadelinha galga”.

Machado de Assis cita ainda o escritor Molière;

— A cor verde é a cor do mar, respondeu Mendonça; evito as tempestades de um; evitarei as tempestades dos outros.  
Eu deixo ao critério do leitor esta singularidade de Mendonça, que de mais a mais é *preciosa*, no sentido de Molière. (Assis, 1962, p. 16)

Molière, Jean Baptiste Poquelin (1622 — 1673) foi o maior autor francês de comédias do século XVII. Suas peças refletem toda uma moral do equilíbrio e do bom senso, nelas, analisa-se o comportamento social. Para Molière, o homem deve seguir sua natureza, racional e ordenada, é o bom senso, frequentemente presente em suas peças. Ele não defende a liberdade dos instintos que colocam em perigo a vida social, e seguir a natureza é saber evitar os excessos, essa visão também está visível em suas obras. A moral não tem nada de revolucionária e ela representa o ideal do século no qual viveu o escritor.

Machado está fazendo referência, nesta passagem, à peça de Molière *Les Précieuses Ridicules*, representada, pela primeira vez em 1659. Na peça, os

senhores La Grange e Du Croisy se sentem totalmente ofendidos por terem sido rejeitados e mal recebidos pela filha, senhorita Magdelon, e pela sobrinha, senhorita Cathos, do senhor Gorgibus. O pai está furioso com as moças, pois ele queria que a filha e a sobrinha se casassem com os dois rapazes, já que conhecia as suas famílias e os bens que possuíam. Porém, elas dizem querer homens gentis, de belo espírito, românticos, cultos e não homens que vão visitá-las já pensando em assinar o contrato matrimonial, sem fazer galanteios. Por essa razão, rejeitaram os pretendentes. Como os dois senhores estavam muito ofendidos, resolveram pregar uma peça nas senhoritas: pediram para dois rapazes, conhecido deles, Mascarille e Jodelet, fingirem que eram galanteadores, valentes, que conheciam os versos e a prosa. As duas mulheres caíram na peça que lhes foi pregada, pois acreditavam estar sendo conhecidas pela alta sociedade da época, ou seja, preocuparam-se mais com a aparência dos dois rapazes do que com a virtude deles. Molière será um dos autores mais citados por Machado de Assis em seus romances e crônicas. Nos textos jornalísticos, só perde para Victor Hugo em quantidade de citações. Heloísa H. Paiva de Luca (2004), em sua tese de doutorado intitulada *A poética de um gênero: Molière nas crônicas machadianas*, analisou a presença do autor de *Les Précieuses Ridicules* nas crônicas escritas por Machado. A pesquisadora concluiu que, em algumas crônicas, a citação acomodou-se ao novo texto para assegurar a comicidade da situação, ou como um reforço à crítica machadiana; no entanto, em outras, a atuação da fala francesa foi muito mais ampla, produzindo ecos não apenas imediatos, mas na totalidade do texto.

No conto "Miss Dollar", Machado de Assis alude à peça de Molière quando faz referência aos olhos de Margarida; na comédia francesa, os rapazes fazem referências aos belos olhos das mulheres, que rejeitaram os senhores La Grange e Du Croisy por não os acharem cultos nem gentis. Pode-se dizer que o autor de "Miss Dollar" queria dizer que os olhos bonitos enganam, como na peça de Molière, já que as duas mulheres queriam apenas ser conhecidas na alta sociedade e não almejavam um amor de verdade como haviam dito ao pai.

Mais uma vez, tem-se a impressão de uma advertência moralizadora às leitoras do *Jornal das Famílias*.

Outra marca francesa importante é uma citação retirada da obra de La Rochefoucauld: quando Mendonça diz a seu amigo Andrade que está sofrendo por causa da frieza de Margarida, o amigo o aconselha a “ausentar-se da casa” da viúva para provocar-lhe saudades. Mendonça responde citando o escritor francês:

“A ausência diminui as paixões mediócras e aumenta as grandes, como o vento apaga as velas e atiza as fogueiras”. A citação teve o mérito de tapar a boca de Andrade, que acreditava tanto na constância como nas Artemisas, mas que não queria contrariar a autoridade do moralista, nem a resolução de Mendonça (Idem, p. 27).

La Rochefoucauld, François Poitou, Duque de La Rochefoucauld, crítico francês (1613-1680) é uma das leituras prediletas de Machado de Assis. Autor de *Maximes et autres oeuvres morales*, o moralista francês conhecia bem a sociedade em que vivia e tentou descrever seus defeitos e fraquezas. Segundo Lacretelle, em seu prefácio à edição das *Maximes*, esse tipo de leitura leva à reflexão

lorsqu'elle peut s'appliquer à nous-même. Puis à des personnes que nous connaissons ou croyons connaître. En somme, c'est notre expérience de plusieurs cas particuliers qui nous convainc. Il y a une sorte de vérification instantanée qui s'opère dans notre esprit et fait pencher un plateau de la balance (p. XII).<sup>1</sup>

A citação de Machado de Assis, feita em português, corresponde exatamente à máxima francesa. No original, lê-se: “L'absence diminue les médiocres passions et augmente les grandes, comme le vent éteint les bougies et allume le feu” (LA ROCHEFOUCAULD, 1949, p. 52).

La Rochefoucauld é importante para Machado de Assis, que utilizou várias de suas leituras para ter um olhar mais crítico em relação à sociedade,

---

<sup>1</sup> Quando ela pode se aplicar a nós mesmos. Depois para as pessoas que nós conhecemos ou acreditamos conhecer. Em suma, é nossa experiência de vários casos particulares que nos convencem. Há um tipo de verificação instantânea que se opera em nosso espírito e faz inclinar um prato da balança (Tradução nossa).

cujos costumes e hábitos o autor das *Maximes* descreveu, tratando de hipocrisias, das mentiras do amor, mostrando como a sociedade é mascarada, tal qual Machado nos apresenta em suas obras. Bosi (1999) afirma que tanto Pascal, como La Rochefoucauld e La Bruyère admitiam a

existência de almas raras que resistem a si próprias e ao mundo (por obra da graça ou por íntimo orgulho), ao lado da maioria absoluta que verga ao peso da condição comum dos mortais feita de egoísmo com toda sua seqüela de trampas e vilanias (p. 58).

Mendonça parece pertencer a esse grupo de “almas raras”, pois age de acordo com sua consciência e seus princípios. Citar La Rochefoucauld equivale a evocar uma autoridade moralizadora.

Como já foi mencionado, em “Miss Dollar”, o autor desmistifica a heroína, já que esta é uma cadelinha galga. Dessa forma, há também a desmistificação do Romantismo, o que é uma característica Realista, escola do século XIX. Ao mesmo tempo, há alusões e citações de autores do século XVII, ou seja, do Classicismo.

O Brasil oitocentista é marcado pela caracterização de uma sociedade que comporta o convencionalismo social. A partir de meados do século XIX, o Realismo inspira-se em desmistificar o indivíduo idealizado como ocorria no Romantismo, demonstrando suas características reais: Machado valoriza mais a essência (retratando o meio psicológico do ser) em contraposição à aparência (muito valorizada pelos românticos, como representação da pessoa em seu meio). Trata-se de uma caracterização visando compreender o âmbito social em que se encontrava o Brasil da época, valorizando as ideias vindas da Europa, principalmente da França, pólo irradiador de cultura. Os escritos desse período tentavam desvendar as estruturas da sociedade classificando os indivíduos pelas suas condições, considerando que o *status* seria o aspecto mais importante: a burguesia influenciada pelos conceitos franceses transforma o cenário brasileiro em uma imagem europeia. A obra de Machado seria, nesse ponto, um reflexo da irradiação da França na sociedade do século XIX.

## Referências bibliográficas

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

CARVALHAL, Tania. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

GRIECO, Agripino. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

LA ROCHEFOUCAULD. *Maximes et autres oeuvres morales*. Paris: Bordas, 1949.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado*. São Paulo: Annablume, 1996 a.

\_\_\_\_\_. *As sugestões do Conselheiro: a França em Machado de Assis. Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 1996 b.

\_\_\_\_\_. *O Napoleão de Botafogo: presença francesa em Quincas Borba de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2000.

---

Artigo recebido em 07/07/2009 e publicado em 13/04/2010.